

Resenha do livro *A descolonização da Ásia e da África* (CANÊDO, 1985)

Book review “*A descolonização da Ásia e da África*” (CANÊDO, 1985)

Gabriel dos Santos Birkhann

É licenciado em História pelo UNIPAM (2016) e Especialista em “Gestão do Trabalho Pedagógico: Supervisão, Orientação, Inspeção e Administração Escolar” pela FAVENI-Faculdade Venda Nova do Imigrante (2017-620h), cursando Especialização em “Metodologia de Ensino de Geografia e História” pela mesma instituição de ensino.

Letícia Bicalho Canêdo possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969), mestrado em História Econômica pela Universidade de São Paulo (1977), doutorado em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (1982), pós-doutorado na *École des hautes études en sciences sociales* (1991), onde também foi professora convidada, livre-docente pela Unicamp (1993).

É professora titular aposentada da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área da sócio-história do político, atuando, principalmente, nos seguintes temas: transmissão do poder político, voto, instituição escolar, educação das elites e circulação do conhecimento.

Esta resenha objetiva *levar a um público mais amplo* que o específico do curso de História, como de Letras etc. o conhecimento de uma obra sucinta que possa fornecer uma visão sintética a respeito de fenômenos históricos importantíssimos para o mundo contemporâneo.

O livro começa com o “bate-papo com a autora” (p. 1-3), no qual a mesma esclarece sobre a proposta do livro e sua perspectiva.

Em seguida, no capítulo um, intitulado “**A descolonização numa foto em negativo**” (p. 4-6), a autora discute como o colonizador invadiu territórios alheios sem a menor consideração para com seus habitantes originais, além do modo como os colonizados não se esqueceram de seu passado. Além disso, trata ainda da questão do choque cultural que ocorreu na colonização da Ásia e da África e de como os colonizados foram buscar, nos valores ocidentais, a base para sua libertação, utilizando-se do nacionalismo.

No capítulo dois, “**Colonização e descolonização: água e vinho misturados**” (p. 7-10), Letícia analisa as diferenças entre os movimentos de colonização dos séculos XVI e XIX e de descolonização dos séculos XVIII/XIX e XX.

Situando a segunda onda colonialista no capitalismo europeu do século XIX, a autora a coloca como a dominação política, de exploração econômica e de sujeição cultural. Além disso, analisa as diferentes concepções sobre o colonialismo, o imaginário a seu respeito e o modo como, ao difundir seus valores aos colonizados, os colonizadores acabaram por lhes dar argumentos para sua própria independência.

Já no capítulo três, **“Processo de conquista e ocupação colonial”** (p. 11-20), Bicalho discute os diferentes modos de conquista e ocupação utilizados pelo colonialismo europeu, classificando-os em **“Partilha da Ásia”** e **“da África”**, dando ênfase no primeiro caso à **“guerra do ópio”** (1835-1842) na China e ao Japão (analisando a chamada **“Revolução Meiji”** (1868)), que conseguiu se manter independente. No segundo caso, enfatiza a questão econômica (busca por matérias-primas, sendo que antes era a exportação de escravos). Analisa, ainda, o papel dos missionários e exploradores, destacando, também, as formas de administração colonial e seu significado de dominação.

No quarto capítulo, **“As sociedades colonizadas”** (p. 21-28), Letícia coloca a dificuldade em se classificar as sociedades colonizadas e propõe um modelo de divisão em (1) áreas densamente povoadas ou de fraca densidade de povoamento, (2) dominadas pela influência do Islã ou por influência hindu ou por influência chinesa (que se traduz, na verdade, no pensamento do filósofo Confúcio).

No primeiro caso, encontram-se grande parte dos Estados da Ásia, do Oriente Próximo e do Norte da África. Já no segundo, tem-se a região da África Negra, situada ao sul do Saara. Era a política do **“dividir para melhor dominar”** (p. 24).

Além disso, Canêdo discute a questão das tradições culturais dos diferentes povos, tanto no período colonial quanto agora, quando, por vezes, gera problemas sérios na formação dos Estados Nacionais (p. 26).

O quinto capítulo, denominado **“Transformações sociais nas sociedades colonizadas”** (p. 29-30), discute as novas dinâmicas presentes nas sociedades que surgiram com a colonização.

A colonização que, ao trazer a desarticulação da agricultura tradicional, a apropriação privada da terra, o trabalho assalariado, entre outras coisas, gerou novas formas de convívio e uma profusão de novas profissões. Além disso, a colonização possibilitou o nascimento de uma nova elite, que acabou por ser constituir como oposição à dominação colonial, com uma ideologia revolucionária própria, tendo sido gerada em contato com os europeus.

O sexto capítulo intitulado **“A luta contra a dominação colonial”** (p. 31-32) destaca que as diferenças das lutas se deveram à capacidade de articulação das colônias, sendo, portanto, fracas na África Negra e fortes, por exemplo, na África do Norte, na China etc., onde os europeus encontraram Estados fortes constituídos.

Coloca, ainda, que as elites coloniais (depois de se refugiarem nas tradições locais visando se fortalecer como alternativa de resistência) foram atrás de um novo elemento, veiculado pelos europeus, de modo a se rearticularem: o nacionalismo.

De certa forma, segundo o texto, a preocupação dos colonizadores estava com os movimentos que assumiam tons mais radicais, como o caso do Vietnã, com seu movimento nacionalista revolucionário.

O capítulo concluiu destacando que fatores internos e externos contribuíram para os diversos caminhos dos movimentos de independência e para a formação do que ficou conhecido como **“Terceiro Mundo”**.

No capítulo sete, **“Os movimentos de libertação: ainda um desafio”** (p. 33-34), Letícia aborda, de forma geral, as datas das independências políticas de alguns países.

Nesse capítulo, ela acaba destacando a emergência de novos sujeitos no campo das relações internacionais, como a China e o Vietnã, que ainda lutava contra os EUA, utilizando-se da tática de “guerrilha”. Aborda, ainda, de modo mais específico, o movimento chinês que culminou na Revolução Chinesa (1949), com aspectos próprios de luta anticolonial.

O oitavo capítulo, **“Movimentos nacionalistas e influências externas”**, que vai da página 35 a 41, começa discutindo a conexão entre as crises europeias, sobretudo após as duas grandes guerras mundiais, e os movimentos nacionalistas.

Além disso, analisa a influência das ideias da Rússia Revolucionária (via a perspectiva leninista) para o fortalecimento das forças que se opunham ao colonialismo. Discute, ainda, a mobilização das populações coloniais nas guerras mundiais e o impacto que as contradições de vida entre a população europeia e colonial causaram nos soldados, o que lhes aumentou o desejo de lutarem por suas liberdades.

O capítulo analisa alguns aspectos para a compreensão dos movimentos anticoloniais, tais como: as diferenças entre as concepções holandesas, francesas e inglesas acerca da profundidade dos movimentos nacionais, a atitude dos estadistas nas decisões diplomáticas, a consciência da separação entre ricos e pobres, a Guerra Fria e a solidariedade dos países emergentes.

Já o nono capítulo, **“Movimentos de libertação-1ª Fase: a descolonização da Ásia”** (p. 42-53), aborda os aspectos principais dos movimentos de libertação asiáticos, analisando os casos da Índia (a passagem de movimento de elite para de massa, a liderança de Gandhi, a desobediência civil) e do Paquistão, da Indochina (Vietnã etc.).

“Movimentos de libertação - 2ª Fase: descolonização da África”, o décimo capítulo (p. 54-68), problematiza os aspectos ligados à descolonização da África, conforme o título dispõe, analisando os diferentes movimentos de independência, como no Maghreb [Tunísia, Marrocos e Argélia (discutindo a Guerra que ocorreu nesse país)] etc., destacando quem foram as lideranças, as diferenças entre os movimentos.

Discute, ainda, os processos de independência na África Negra, em Gana, Guiné, na África de expressão inglesa e francesa, na África Ex-belga (Congo), a dificuldade para a realização dos programas nacionalistas, o surgimento de Ruanda e Burundi e a guerra civil da qual nasceu o Zaire.

Finalmente, têm-se as **“Considerações Finais: O elemento colonial e o elemento nacional”** (p. 69-74), nas quais a autora traz à tona questões relativas à possibilidade dos países libertados da dominação colonialista direta encontrarem o seu próprio caminho de afirmação política e de identidade cultural.

Para isso, a autora retoma alguns pontos dos processos de independência das antigas colônias, discutindo a construção da independência no quadro do velho colonialismo, bem como outros aspectos, como a reinvenção nacionalista, a modernização no contexto neocolonial e a identidade cultural e descolonização.

Por fim, a bibliografia, a cronologia e a seção “Discutindo o texto!”. O livro então se encerra.

Neste livro, tem-se uma perspectiva, dentro dos limites exigidos por uma coleção destinada a um público mais amplo de leitores, geral do processo de descolonização da Ásia e da África, no qual a autora é bem sucedida em demonstrar

que esse processo não é fruto da “boa vontade” (sic) dos países colonizadores, mas sim resultado de uma longa e árdua luta dos povos colonizados em nome de sua independência.

Letícia Bicalho Canêdo conseguiu uma façanha que poucos autores podem se arvorar de terem conseguido: não foi nem para o “especificismo técnico” de alguns historiadores que mataria *um texto destinado a um público mais geral*, nem para o **didatismo pedante** que tornaria a escrita maçante, cheia de pormenores desnecessários e intelectualmente desmotivantes para quem, afeito à área (alunos do ensino superior, por exemplo), quisesse entender algo a respeito do assunto.

Em suma, é um livro indicado para especialistas ou não, que desejem se inteirar dessa temática tão pouco discutida no cenário intelectual brasileiro, acadêmico ou não.

Referências

CANEDO, Letícia Bicalho. *A descolonização da Ásia e da África*. São Paulo: Atual, 1985, 82 p. (Coleção Discutindo a História).